

Museus como espaços híbridos de educação: Interface projeto conviver e museu Boulieu em Ouro Preto (MG)

Eberte Moura Bretas¹, Nathália Rezende Santos², Kerley dos Santos Alves³

¹Especialista em Clínica Psicanalítica nas Instituições (PUC - Minas), Psicólogo na Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto, 35402-163, Ouro Preto/MG, Brasil

²Especialista em Neurociência Aplicada à Educação (UNA - Grupo ânima), Coordenadora pedagógica nos Museus Boulieu e de Mariana, 35402-163, Ouro Preto/MG, 35420-072, Mariana/MG, Brasil

³Pós doutora em Ciências Sociais (CES PORTUGAL), Docente do Curso de Turismo, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35402-163, Ouro Preto/MG, Brasil

* E-mail do autor correspondente: eberte1@yahoo.com.br

Submetido em: 08 maio 2024. Aceito em: 14 out. 2024

Resumo

Este artigo busca investigar a dinâmica da educação não formal em museus, analisando a interação entre o projeto de extensão "Conviver: Valorização e Capacitação de Pessoas para o Turismo Vivo", vinculado a Universidade Federal de Ouro Preto por meio da pró-reitoria de extensão e do Departamento de Turismo da Escola de Direito, Turismo e Museologia. Propõe inserir, na atividade turística e cultural, pessoas em situação de vulnerabilidade social dos Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e o Museu Boulieu em Ouro Preto, com ênfase na prática articulada, visando compreender como a abordagem da "reforma do entendimento" contribui para a emancipação dos participantes. Utilizando uma metodologia mista, combinando pesquisa bibliográfica e observação participante, examinamos as atividades educativas, incluindo workshops e a "Ocupação Criativa". Os resultados revelam um alto nível de satisfação, promovendo não apenas a democratização da arte e cultura no espaço público, mas também contribuindo para o aprimoramento das práticas educativas em museus. Conclui-se que a parceria entre o Projeto Conviver e o Museu Boulieu, com ênfase na prática articulada e na abordagem da "reforma do entendimento", promove a emancipação dos participantes e aprimora as práticas educativas em museus, impactando positivamente a democratização da arte e cultura no espaço público.

Palavras-chave: Educação Não Formal, Museus, Turismo.

Abstract

Museums as Hybrid Spaces of Education: The Interface Between the Conviver Project and the Boulieu Museum in Ouro Preto (MG)

This article seeks to investigate the dynamics of non-formal education in museums, analyzing the interaction between the extension project "Conviver: Valorization and Training of People for Living Tourism," linked to the Federal University of Ouro Preto through the extension pro-rectorate and the Department of Tourism of the School of Law, Tourism, and Museology. It proposes to involve individuals in situations of social vulnerability from the Reference Centers for Social Assistance (CRAS) and the Boulieu Museum in Ouro Preto in tourist

and cultural activities, with an emphasis on coordinated practice, aiming to understand how the "reform of understanding" approach contributes to the participants' emancipation. Using a mixed methodology that combines literature review//bibliographical research and participant observation// active observation, we examine educational activities, including workshops and the "Creative Occupation." The results reveal a high level of satisfaction, promoting the democratization of art and culture in public spaces and contributing to improving educational practices in museums. It is concluded that the partnership between the Conviver Project and the Boulieu Museum, emphasizing coordinated practice and the "reform of understanding" approach, promotes the participants' emancipation and enhances educational practices in museums, positively impacting the democratization of art and culture in public spaces.

keywords: Non Formal Education, Museums, Tourism.

Introdução

O cenário educacional contemporâneo destaca a crescente importância dos museus como espaços de aprendizado, especialmente no âmbito da educação não formal. A falta de consenso na definição de museus como espaços de educação não formal, aliada à diversidade de abordagens teóricas, destaca a necessidade de uma análise aprofundada sobre como essas instituições operam como ambientes educativos e como a teoria da "reforma do entendimento" influencia essa dinâmica. Logo, a compreensão da educação não formal em museus é importante para aprimorar práticas educativas e promover uma interação mais significativa entre os participantes e o espaço museal. O estudo da interface Projeto Conviver e Museu Boulieu oferece uma oportunidade de explorar essa dinâmica na prática, considerando o impacto da "reforma do entendimento" na emancipação dos envolvidos.

Ademais, a cidade histórica de Ouro Preto, em Minas Gerais, Brasil, se apresenta como um cenário propício para explorar as complexidades da educação não formal em museus. A parceria entre o Projeto Conviver e o Museu Boulieu oferece uma oportunidade singular para compreender a interação entre os participantes e

o ambiente museal, com ênfase na prática articulada dessas iniciativas. O problema central reside na lacuna conceitual que permeia a definição de museus como espaços de educação não formal, gerando questionamentos sobre como essas instituições operam como ambientes educativos e como a teoria da "reforma do entendimento" influencia essa dinâmica. A necessidade de uma análise aprofundada se impõe diante da complexidade e das distintas interpretações sobre o papel dos museus na educação não formal. Assim o objetivo deste artigo é investigar a dinâmica da educação não formal em museus, analisando a interação entre o Projeto Conviver e o Museu Boulieu, com ênfase na prática articulada, visando compreender como a abordagem da "reforma do entendimento" contribui para a emancipação dos participantes.

A metodologia adotada para esta pesquisa consistiu em uma abordagem mista, combinando pesquisa bibliográfica e observação participante nas oficinas promovidas pelo Projeto Conviver no Museu Boulieu, em Ouro Preto, Minas Gerais.

A pesquisa bibliográfica foi conduzida para aprofundar a compreensão teórica sobre a dinâmica da educação não formal em museus e a influência da "reforma do entendimento". Realizou-se uma revisão abrangente da literatura existente, incluindo obras de Marandino (2009), Gohn

(2007), entre outros, para embasar teoricamente a análise. A observação participante foi realizada durante as oficinas conduzidas pelo Projeto Conviver no Museu Boulieu. Esse método permitiu a imersão direta no contexto educativo, possibilitando a captura de nuances, interações e dinâmicas específicas da prática articulada. Durante as observações, foram registradas as atividades desenvolvidas, as reações dos participantes e quaisquer elementos relevantes para a compreensão da experiência educativa. Os envolvidos na observação participante foram os integrantes do Projeto Conviver, mediadores educativos e demais colaboradores envolvidos nas oficinas do Museu Boulieu. A seleção dos participantes levou em consideração a representatividade de diferentes grupos, assegurando uma visão abrangente da dinâmica educativa.

Os dados coletados durante a observação participante foram conduzidos por meio da análise descritiva, identificando padrões, temas recorrentes e aspectos específicos relacionados à interação, ao envolvimento dos participantes e à implementação da "reforma do entendimento". Os dados provenientes da pesquisa bibliográfica foram integrados na análise para embasar teoricamente as observações. Cabe ressaltar que se respeitou a ética na condução da pesquisa, garantindo o consentimento informado dos participantes e a confidencialidade dos dados. As observações foram realizadas de forma não intrusiva, respeitando o espaço dos participantes e o caráter das atividades desenvolvidas nas oficinas.

Museu Boulieu e o projeto Conviver: Breve histórico

O Museu Boulieu e o Projeto Conviver emergem como protagonistas desse estudo,

possibilitando a análise dessa prática articulada a prática articulada e, mais especificamente, como a abordagem da "reforma do entendimento" pode desencadear processos de emancipação entre os participantes. A compreensão aprofundada da educação não formal em museus não apenas preenche uma lacuna no conhecimento teórico, mas também oferece insights valiosos para profissionais da educação, pesquisadores e instituições interessadas em otimizar a experiência educativa em contextos museológicos específicos, como o de Ouro Preto. O Projeto "Conviver: Valorização e capacitação de pessoas para o turismo vivo" teve sua gênese em uma iniciativa social vinculada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Coordenado pela Profa. Dra. Kerley Alves, o projeto, de caráter sem fins lucrativos, estabeleceu uma parceria estratégica com os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Cidadania de Ouro Preto, contando ainda com a valiosa colaboração de voluntários e estreitos laços com a Secretaria Municipal de Educação de Ouro Preto. Os voluntários são os próprios externos, membros da equipe de coordenação (um psicanalista e uma historiadora), além de participantes que passaram a compor a equipe de coordenação. E também os convidados do projeto para realizarem palestras, dirigir rodas de conversa, atividades de formação, atividades turísticas, entre outras.

O propósito primordial do projeto é promover a complementação da educação e a integração social, concentrando-se, especialmente, no desenvolvimento de jovens e mulheres. Suas ações de capacitação visam valorizar a cultura e o turismo, fundamentando-se em princípios essenciais como hospitalidade, autonomia, direitos humanos, solidariedade e respeito às diferenças.

O projeto se concentra na valorização pessoal, produzindo, como um efeito, a capacidade e apuramento, bem como o resgate de saberes para a presença no mundo do trabalho em geral e por vezes, especificamente, no setor turístico.

O projeto concentra-se na capacitação de jovens e mulheres para atuarem no setor turístico. Para alcançar esse objetivo, são desenvolvidas atividades comunitárias que promovem aprendizagens fundamentais para a convivência social. As oficinas e minicursos são estruturados em um "módulo integrador e módulo específico", abrangendo temas que vão desde convivência com a diferença até a valorização do saber social. No intuito de expandir suas atividades e impacto na comunidade, o projeto está em constante busca por parceiros e colaboradores, além da parceria firmada com o Museu Boulieu o projeto também já contou/conta com apoio de outras instituições e profissionais que frequentemente, participam das atividades.

As atividades são realizadas semanalmente, às quintas feiras, no campus universitário Morro do Cruzeiro, majoritariamente. Além do campus como local de referência, os encontros se expandem por vários pontos da cidade, de forma genérica, não conhecendo centro nem periferia. Assim, são visitados equipamentos culturais, como o galpão da escola de samba Sinhá Olímpia, por exemplo. Dá-se preferência não só a dispositivos mais reconhecidos, como os tradicionais museus e igrejas, mas também à locais menos visitados, como a Capela do Padre Faria, localizada fora do centro da cidade. Outros exemplos são: o herbário da universidade local, uma mina de ouro desativada (localizada fora do centro histórico), um

hostel recém inaugurado, ou um centro cultural no distrito de Amarantina, a Casa de Pedra, também conhecida como Casa Bandeirista. Assim, andando pelo chão ora mais, ora menos batido, opera-se com a alternância de locais e atores, que se transfiguram em lugares e sujeitos. Descortina-se, assim, uma cena que contém a diversidade essencial para um fazer turístico que se quer e se sustenta em plena vitalidade, de forma sempre renovada.

Essa abordagem diversificada busca proporcionar experiências enriquecedoras em diferentes contextos, enraizando a aprendizagem no cotidiano da comunidade e no ambiente acadêmico. Como parte integrante das atividades do Conviver ressalta-se a valiosa parceria com o Museu Boulieu. Especialmente, neste espaço são realizados minicursos e oficinas, proporcionando uma experiência enriquecedora aos participantes. Essa parceria contribui não apenas para a capacitação dos envolvidos, mas também para a valorização do patrimônio cultural e turístico local.

O Museu Boulieu está localizado no centro da cidade de Ouro Preto – MG e foi inaugurado no mês de abril de 2022. O centro cultural abriga a coleção conformada pelo casal franco-brasileiro, Maria Helena e Jacques Boulieu¹. Seu acervo reúne peças oriundas de várias regiões do mundo, das quais tiveram contato com a cultura Ibérica a partir de relações coloniais ocasionadas após o advento das grandes navegações do final do século XV e início do XVI. Ao todo são expostas cerca de 1200 peças, sendo a maior parte de arte sacra, no estilo Barroco² (Longo, 2022).

Para implementação do museu, o Instituto Cultural Brasileiro do Divino Espírito Santo

¹ Unidos por matrimônio no final da década de 1950, na Igreja da Glória - Rio de Janeiro, a brasileira Maria Helena de Toledo e o francês Jacques Boulieu adquiriram, já na lua de mel – na Bahia, a primeira peça de uma coleção que abrange obras de várias partes do

mundo. Sendo que, no Museu Boulieu as peças expostas tem enfoque no barroco das colônias Ibéricas.

² Além das peças sacras encontram-se também peças de tradição dos povos originários.

(ICBDES)³ foi criado em 2008, como personalidade jurídica responsável pelo Museu Boulieu. Posteriormente, em 2012, foi estabelecido um comodato que previa a concessão do edifício que o museu se encontra estabelecido, pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto (PMOP) ao ICBDES. E finalmente, por meio da Lei Municipal nº 820, de 21 de dezembro de 2012, o Museu Boulieu foi oficialmente criado (Longo, 2022, p.16).

A coleção do museu foi reunida pelo casal ao longo de aproximadamente 50 anos. O acervo, colocado em conjunto, permite-nos múltiplas discussões, desde tratativas mais técnicas, como a produção dos artesãos e as soluções plásticas e estéticas encontradas por cada qual, bem como a contextualização histórica das peças e do conjunto.

Por se tratar de um museu que considera a importância de seu papel educacional, o Museu Boulieu possui um Programa Educativo. Conforme seu Plano Museológico:

As ações educativas atuam de maneira estratégica na mediação entre diferentes segmentos de público, na construção coletiva do significado de bem cultural e nas ações comprometidas com a transformação social: “Não basta saber o que são os bens musealizados do museu, é preciso compreender seu contexto social junto a uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca (Longo, 2022, p.134).

Assim, para proporcionar a interação e a transformação da realidade social, por meio da Extensão Universitária, o projeto de extensão “Valorização e Capacitação de Pessoas para o Turismo Vivo” abrange atividades culturais, sociais e econômicas no decorrer das oficinas propostas pelo Museu Boulieu. Essa abordagem demanda uma escuta ética e, além disso, um entendimento

para um turismo como atividade, aqui, conceituado como turismo vivo. De acordo com Alves (2019, p.35) turismo vivo é aquele que é, em princípio, teleologia, liberdade, criatividade e tem em consideração a realidade social e cultural de cada comunidade e sujeitos envolvidos na atividade (turistas, moradores, trabalhadores).

Desta maneira, o educativo do Museu visa à qualificação da experiência/contato do visitante com o museu, por meio de diferentes recortes e abordagens, considerando o público atendido e proposta político pedagógica de ambos.

Educação em Museus

Quando discutimos sobre educação em museus observamos que normalmente o termo vem acrescido de outros dizeres, “não formal”, “patrimonial” ou ainda “museal”. Dentre tantas discussões que tiveram como fim melhor definir o que é a educação ofertada em museus, o termo “educação em museus” é uma frequente utilizada a partir dos seminários que ocorreram nos anos de 1950 pela Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Já “educação patrimonial” teve o uso difundido no Brasil a partir da década de 1980, tendo por finalidade trabalhar o patrimônio cultural dos espaços museais e monumentos históricos ensejando a promoção de sua valorização, apropriação, além de instruir os sujeitos sociais para melhor usufruírem destes (IBRAM, 2018). Por fim o termo “Educação Museal”

(...) passa a ser utilizado como uma reivindicação tanto de uma modalidade educacional – que contempla um conjunto integrado de planejamento, sistematização, realização, registro e avaliação dos programas, projetos e ações educativas

³ Após reformulação jurídica, a razão social e nome fantasia passou a ser Instituto Boulieu.

museais – quanto de um campo científico. O termo vem sendo usado por vários autores para se referir ao conjunto de práticas e reflexões concernentes ao ato educativo e suas interfaces com o campo dos museus (BRASIL, 2018, p. 73).

Podemos afirmar que a educação nos museus é um programa consciente dos educadores que tem como finalidade abranger diferentes públicos. Dos muitos aspectos que envolvem a educação nos museus estão os conteúdos e metodologias; a aprendizagem; a experimentação e estímulos a partir do contato com o patrimônio, viabilizando pertença, aprendizagem histórica, senso de preservação e outros; o reconhecimento das diferentes percepções acerca do patrimônio e etc. (Brasil, 2018).

A Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. (...) a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la (IBRAM, 2018, p. 74)

O processo educacional que ocorre nos museus, todavia, não deve ser associado ao mesmo modelo educacional das escolas. Esses espaços promovem a educação não formal e trazem essa caracterização para “(...) diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das experiências informais, geralmente associadas ao âmbito da família.” (Marandino, 2009, p. 29, 30).

Gohn (2007) ao tratar da educação não formal, argumenta que essas práticas ocorrem sobretudo, fora dos muros das escolas. Tendo

como principal objetivo a “(...) formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo à sua volta e ler criticamente a informação que recebem.” (Gohn, 2007, p. 14).

A educação, conforme Gohn (2007) é mais ampla do que a própria aprendizagem, associando-se ao conceito de cultura. O processo formativo dos cidadãos é realizado

(...) pela valorização de elementos culturais já existentes na comunidade, às vezes mesclados com novos elementos introduzidos pelos educadores, e pela experiência em ações coletivas, frequentemente organizadas segundo eixos temáticos: questões étnico-raciais, de gênero, geracionais etc. (Gohn, 2007, p. 14).

A educação não formal, desse modo, adquire múltiplas dimensões, que podem ocorrer em vários espaços a depender da atividade e propósito em que é realizada. Outro ponto crucial para a compreensão da educação não formal é o fato desta possuir características mais difusas, menos hierárquicas e burocráticas que a educação formal (Gohn, 2007).

É importante elencar que os locais e duração dos programas educativos do âmbito não formal variam e respeitam o ritmo dos participantes. Dessa forma, o programa pode adquirir novos rumos dado ao fato que é realizado de forma colaborativa, em diferentes espaços culturais, sociais e etc. (Gohn, 2007).

Em uma tentativa de traçar os limites entre a educação formal, não formal e informal, Marandino (2009) analisa o documento “Learning to be – The Faure Report”, produzido pela Unesco em 1972. A autora afirma que o documento influenciou uma divisão, que já se encontrava em curso do sistema

educacional em três categorias, a educação formal – sistema hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado (abrange desde o ensino primário à universidade); a educação não formal, definida como toda atividade elaborada fora do sistema formal de educação, que está a serviço de grupos previamente identificados; a educação informal que é o processo de ensino aprendizagem que ocorre ao longo da vida de todos os indivíduos, que por sua vez alcançam valores, procedimentos e conhecimentos através da experiência cotidiana e das influências do meio familiar, de trabalho, mídias e outros.

Marandino (2009) coloca que a definição de museus quanto espaço de educação não formal, não é consenso. Um dos autores que traz uma perspectiva distinta é Rogers (2004). O autor compreende essa tríade educacional (formal, não formal e informal) como um continuum e não como categorias impenetráveis.

Dessa forma, um museu, por exemplo, poderia ser nomeado como um espaço de educação não-formal (*sic*) quando o pensamos como instituição, com um projeto de alguma forma estruturado e com um determinado conteúdo programático. Mas, ao pensarmos sob o olhar do público, poderíamos considerá-lo como educação formal, quando alunos o visitam com uma atividade totalmente estruturada por sua escola, buscando aprofundamento em um determinado conteúdo conceitual (...). E podemos, ainda sob o olhar do público, imaginá-lo como educação informal, ao pensarmos em um visitante que procura um museu para se divertir em um final de semana com seus amigos ou familiares. Entender as características dos diversos contextos educativos e refletir sobre aproximações e diferenças entre eles nos ajuda a aprimorar a nossa ação educativa em museus (Marandino, 2009, p. 32).

Para Marandino (2009), a aprendizagem é um processo dinâmico em constante interação entre o indivíduo e o ambiente. Nesse sentido, coloca-se a necessidade de se construir dentro dos espaços museais uma relação entre visitante/espaço em que este tenha papel ativo e engajado nas ações que realiza no museu. Para tanto, os setores educativos precisam planejar atividades, com determinação pedagógica clara. Em um processo dialógico desse com as instituições parceira (Marandino, 2009).

Complementar aos apontamentos de Marandino (2009), Gohn (2007) coloca que a atividade de aprendizagem da educação não formal envolve processos de ordem subjetiva, incorporando o plano emocional, cognitivo, de aprendizagem de habilidades corporais, técnicas, manuais entre outras. Capacitando, assim, os envolvidos para o desenvolvimento de uma atividade de criação.

Esse processo é construído através do diálogo – estruturado e tematizado. Assim, não basta apenas ter a interação, é preciso atentar-se para os fundamentos teóricos e metodológicos que compreendam as nuances dos sujeitos envolvidos.

A corrente iluminista Kantiana e a reforma do entendimento na educação

À guisa de fundamentação teórica, visamos operar ao nível do conceito para nos orientar no processo educacional. Acreditamos nos beneficiar extraindo alguns efeitos da tensão existente entre o projeto iluminista - o Aufklärung kantiano e a “reforma do entendimento” (*de intellectus emendatione*) usada por Spinoza e toda a tradição filosófica desde o século XXVII (Lopes, 2001, apud Garcia, 2001; Silva, 2012).

Assim, é necessário refletir brevemente acerca da influência do programa iluminista no procedimento de se educar. Existiria a

possibilidade de uma total transparência na comunicação, como aspiraria tal escola filosófica? Não seguimos com tal ideal, pois hoje sabemos que ao fim de toda operação simbólica se produz um resto que retorna no real (registro que não cessa de não se deixar inscrever, vácuo). A gestão do necessário, outro ponto de base do iluminismo, bastaria como resposta às questões complexas que hoje se apresentam e desafiam os educadores? Acreditamos que não. Gerir o necessário importa como componente de uma prática democrática, mas o debate democrático por vezes carece de uma inflexão na escuta para alcançar o nível da subjetividade e da singularidade. Aqui, de maneira alguma tendemos a qualquer apologia a práticas autoritárias. A razão esclarecida trouxe suas contribuições, mas não precisamos nos limitar às luzes que por vezes cegam. Com Garcia (2001, pag. 12, apud Lopes, 2001), temos a pertinente questão que nos é lançada em relevo: “Teria a influência do projeto iluminista pesado de tal forma na atividade educacional, tornando insuportável o compromisso de levar a humanidade à maioridade?”

Afirmamos que o projeto iluminista apresenta suas limitações uma vez que o código não alcança a queixa particular de todo e qualquer sujeito. É possível continuar em direção às práticas inventivas e criativas de novos usos. Diríamos que a equação da vida não seria dez dividido por dois, mas, sim, dez dividido por três, por exemplo, sempre produzindo um restante.

E quanto à reforma do entendimento, seria ela dotada de uma teoria do político suscetível de trabalhar por uma integração do político e dos procedimentos mentais de emancipação? Apostamos que sim. Em tal direção, nas bases de uma experiência que se lançava com pretensões modernas, “o termo ‘reforma do entendimento’ se manteve no que ele tinha de melhor; nem sempre

declarado ou reconhecido por educadores, o projeto ‘reforma do entendimento’ poderia ser muito bem considerado suficiente para pensar os dramas existenciais dos professores e/ou das professoras sem o “pathos costumeiro” (Garcia, 1998).

Assim, na prática cotidiana do Projeto Conviver em parceria com o Museu Boulieu, e, em sua orientação ao nível conceitual, avaliamos que estamos inclinados a uma orientação teórica atinente à reforma do entendimento, já que propensa ao não acabado e que sustenta seu foco na emancipação dos sujeitos. O processo educacional é construído juntamente com os saberes das participantes e dos participantes.

Práticas e mensurações: Atividades no Museu Boulieu com o Projeto Conviver

A prática do processo educacional nos museus é ampla e se dá com diferentes públicos. A parceria entre o Museu Boulieu e o projeto Conviver já dura um semestre e o grupo já se beneficiou com várias oficinas do Cardápio do Museu. Os momentos são precedidos pela seleção das atividades que serão realizadas, contando com o envolvimento dos responsáveis das três instituições envolvidas, CRAS, Universidade Federal de Ouro Preto e Museu Boulieu. Dentre os objetivos, um deles é que se realizem oficinas que são correspondentes ao perfil do grupo, viabilizando o processo de ensino-aprendizagem, pertença à cidade de Ouro Preto, além da ocupação do espaço público.

Outra forma de interação do grupo Conviver com o Museu Boulieu é por meio do programa MB³: cultura, arte e educação - “Ocupação Criativa”. O Projeto consiste em estimular a apropriação do Museu Boulieu pela comunidade, viabilizando a popularização e democratização da arte e da cultura através da utilização dos espaços

físicos do museu para atividades criativas. Dessa forma, além do contato do grupo com as atividades educacionais ofertadas pelo museu, há também, a ocupação espontânea e apropriação por parte dos integrantes do Conviver com o Museu Boulieu. Nessa prática articulada, procura-se valorizar o saber dos participantes, de forma que possam estar cada vez mais apurados, produzindo crescimento individual e coletivo. Mulheres mestras em seus ofícios são convocadas e comparecem com entusiasmo e de bom grado em suas contribuições. Em ocasião de oficina oferecida por uma artesã, por exemplo, se vê tanto a apropriação do bordado, mas também orientações, quando se ouve:

Participante:

"- A gente borda é para acalmar, o artesanato traz pensamentos bons."

Membro da coordenação:

"- Uma prática que afasta angústias e ansiedades."

Colhe-se efeitos emancipatórios, quando uma participante relata sobre si:

Participante:

"- Antes do Conviver eu não conversava, hoje eu sou ministrante de oficina."

E ainda:

Participante:

"- Eu gosto de partilhar o meu saber, me faz bem, eu também ganho."

Membro da coordenação:

"- Contribuir é vantagem para as duas partes."

Ao final de um encontro, o psicólogo, membro da equipe de coordenação, dirige uma fala ao grupo, que acabara de finalizar uma oficina de bordado:

"- Existe o laço do bordado e o laço das pessoas na cidade."

Seguiram-se algumas reflexões:

"- Dia de feriado em Ouro Preto é pior do que ir ao shopping, ninguém cumprimenta ninguém, nem olha. Agora, nessa atividade a gente conversa, aprende junto, fica sabendo o nome e faz amizade."

Em uma análise descritiva conceitual e de relatos sobre o impacto do artesanato e da participação em oficinas comunitárias, emerge uma gama de benefícios psicossociais e emocionais. O bordado, por exemplo, é descrito não apenas como uma atividade que traz calma, mas também como uma forma de terapia que induz pensamentos positivos e alivia ansiedades. Esse efeito terapêutico está alinhado as premissas da proposta que sugerem que atividades manuais podem ser utilizadas para melhorar a saúde mental e a cognição social.

Além dos benefícios individuais, o engajamento nas atividades do grupo "Conviver" também promove o empoderamento pessoal. Uma transformação significativa é evidenciada no relato de uma participante que passou de uma posição de participante para a de ministrante de oficina, refletindo um processo de empoderamento descrito na literatura acadêmica. Este processo implica não apenas em ganhar confiança para falar e liderar, mas também em desenvolver a capacidade de influenciar e contribuir para a comunidade.

O compartilhamento de conhecimento é outro aspecto valioso dessas interações, beneficiando tanto quem ensina quanto quem aprende. Este intercâmbio fomenta um ambiente de suporte mútuo, o que é essencial para a construção de capital social dentro da comunidade. A ideia de que "contribuir é vantagem para as duas partes" reflete uma dinâmica de reciprocidade que fortalece os laços comunitários e individuais.

A conexão social é valorizada, como demonstrado nas palavras do psicólogo da equipe, que ressalta os "laços do bordado e as pessoas na cidade". Esta observação é ecoada por outros membros da comunidade que contrastam a impessoalidade dos feriados em Ouro Preto com a natureza inclusiva e interativa das oficinas. Tais espaços não apenas permitem que as pessoas aprendam juntas, mas também promovem a formação de amizades e o reconhecimento mútuo, elementos essenciais para a construção de uma comunidade integrada e empática.

Quanto aos atores que trabalham no projeto de extensão, estes se posicionam de forma a oferecer seus saberes, mas nunca hesitam de deixar esse saber em suspenso para que emerja o saber de cada participante, o que se dá por consequência e não é tomado como menos importante. Cada encontro é dirigido por um membro da equipe, que guarda como princípio conduzir a atividade operando como uma referência segura, e, ao mesmo tempo, preservando o espaço de protagonismo de cada participante.

Assim, sustenta-se um ambiente de trocas, de crescimento, de aprendizado, de apropriação de locais na cidade. Trocas simbólicas que fortalecem a vitalidade, além de manter o entusiasmo constantemente pulsante.

Por fim, cabe ressaltar que as atividades realizadas no Museu Boulieu têm sempre um momento de reflexão/ avaliação do que foi executado. As avaliações contam com a participação de todos, do mediador que conduziu a atividade proposta, do responsável pelo grupo, bem como pelos participantes. Destaca-se que o nível de satisfação é alto e, dentre os motivos elencados para tal, realça-se o acolhimento, o interesse do grupo pelas atividades, a

oportunidade de adquirir mais conhecimento além do momento de divertimento.

Considerações Finais

A relevância dessa pesquisa destaca-se na contribuição significativa que pode oferecer para a melhoria das práticas educativas em museus, promovendo interações mais enriquecedoras entre os participantes e o espaço museal. Ao explorar a complexidade da educação não formal em museus, considerando a perspectiva de Rogers (2004) sobre a tríade educacional como um continuum. A análise se aprofunda na interseção entre o Projeto Conviver e o Museu Boulieu, destacando como a prática educacional é moldada pela teoria da "reforma do entendimento". Ademais, o impacto dessa abordagem na emancipação dos participantes, destaca o a valorização do saber individual, a promoção do crescimento coletivo e a contribuição para a ocupação criativa do espaço público. A pesquisa pôde apresentar limitações inerentes à observação participante, como a subjetividade das interpretações. Contudo, medidas foram tomadas para mitigar essas limitações, como a triangulação dos dados e a transparência na descrição do processo metodológico.

A reflexão sobre as experiências proporcionadas revela a importância de considerar a educação não formal como um processo dinâmico e interativo, enriquecido pela colaboração entre instituições e participantes para o desenvolvimento teórico e prático do campo da educação não formal em museus, fornecendo insights valiosos para profissionais, pesquisadores e instituições interessadas nesse contexto educacional específico.

Referências

ALVES, Kerley dos Santos; BERNARDINO, Mariany Donato. Conviver: sentimento de pertencimento no processo de inclusão dos moradores da cidade turística, Ouro Preto (MG). **Além dos Muros da Universidade**, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/1984>. Acesso em: 06 nov. 2023.

GARCIA, C. Psicanálise e Educação. In LOPES Eliane Marta Teixeira (Org.). **A psicanálise escuta a educação** (pp. 11 -33). Belo Horizonte: Autêntica.,1998.

GOHN, M.G., **Não-fronteiras**: universos da educação não-formal. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. *E-book*. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/000323.pdf>. Acesso em 06 nov. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em 06 nov. 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF**: IBRAM, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em 06 nov. 2023.

LONGO, V. V. **Plano Museológico 2022 - 2026**. São Paulo: Instituto Pedra, 2022.

LOPES, E. M. T. **A Psicanálise Escuta a Educação - 2 ed.** - Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARANDINO, M. Museus de ciências, coleções e educação: relações necessárias. **Museologia e Patrimônio**, v. 2, p. 1-12, 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/63/68> Acesso em 23 de Abril de 2024.

ROGERS, A. Looking again at non-formal and informal education – Towards a new paradigm, 2004. Disponível em: http://www.infed.org/biblio/non_formal_paradigm.htm

SILVA, A. P. da. **Conhecimento e afetividade em Spinoza: da reforma da inteligência à potência do conhecimento como afeto**. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Estadual Paulista Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2012. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Posgraduacao/Filosofia/Dissertacoes/silva_ap_me_mar.pdf. Acesso em 04 nov. 2023.